

Transmutação e transcendência

Por Rudesindo Soutelo (*)

“Saber que em tudo o que vive está contida a sua própria mudança, desenvolvimento e dissolução”. Essa era a ideia força que o compositor Arnold Schoenberg transmitia os seus alunos por volta de 1911. A ‘mudança’, como a única coisa que é eterna; e a ‘existência’, o que é transitório. “A vida e a morte estão na mesma origem. O que existe entre elas é só tempo”.¹

Essa mudança perpétua acabou por abalar o conceito de belo, e também o de arte. No século XX a arte foi ‘desdefinida’ –a perda da aura²– e Harold Rosenberg, em *The Definition of Art* (1972) adiciona, ainda, a ‘desestetização’, uma desmaterialização ou ‘Arte sem artes’ que lhe retira todo o conteúdo até (con)fundir-se com a vida quotidiana, mutando qualquer objeto vulgar em arte³. O olhar que pomos nesses objetos também mudou a nossa atitude estética. As ciências humanas, ao aprofundar nos processos de criação, deslocam a obra de arte para o que está à volta da própria obra. O discurso sobre a arte torna-se fútil e –o belo, o sensível, a estética– esmorece. John Cage anota no seu diário que, uma vez cumprido o seu papel,

a arte poderia desaparecer⁴. Rodríguez-Magda diz que o mundo deixou de ser *factum* para converter-se em *fictum*⁵. A realidade virou simulacro.

Antecipando-se a tudo isso, Schoenberg escrevera no livro *Harmonia*, sua principal obra teórica: “O artista não faz o que os outros consideram belo, mas somente o que ele tem por necessário”⁶.

A mudança transcende a existência e a partícula ‘trans’ –para além de– semeia uma nova linguagem em transformação –transferível, translúcido, transacional, transparência, transgênico, transmissibilidade, transsexualidade, transumano, transpolítica, transcultural, transestética– que abre caminhos para um pensamento multidimensional e sistémico que Rosa M. Rodríguez-Magda designa como ‘transmodernidade’. Um mundo transnacional onde os objetos já não estão por detrás dos seus nomes. A realidade-simulacro transmutou-se em virtualidade e a vertigem do vazio restitui-nos a uma certa ‘sacralidade estética’ que assume o mistério da ausência⁷ –Transmutação e transcendência.

“A criação do artista é instintiva”⁸, escreve Schoenberg no *Harmonia*, “somente a necessidade de criar o obriga a produzir o que depois talvez designaremos como beleza”⁹.

(*) da Academia Galega da Língua Portuguesa. Compositor e Mestre em Educação Artística.

© 2013 by Rudesindo Soutelo
(<http://www.soutelo.eu>)
(Vila Praia de Âncora: 20-I-2013)

Este texto foi originalmente escrito para folha de sala da exposição *Transmutação* com obras de Jorge Ramos, Olga Noronha e Ricardo Brito, celebrada na Galeria-Restaurante Arquivo do Porto (24 janeiro a 24 março-2013).

-
- ¹ Schoenberg, A. (2001). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP, p. 72.
 - ² Benjamin, W. (1992). A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936-1939). In *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política* (M. L. Moita, Trad., pp. 71-113). Lisboa: Relógio D'Água.
 - ³ Rosenberg, H. (1972). *The de-definition of art*. New York: Horizon Press.
 - ⁴ Cage, J. (1985). *De Segunda a um Ano*. (R. Duprat, Trad.) São Paulo: Hucitec.
 - ⁵ Rodríguez-Magda, R. M. (2004). *Transmodernidad* (1ª ed.). Rubí (Barcelona): Anthropos, p. 22
 - ⁶ Schoenberg, A. (2001). *op. cit.* p. 569.
 - ⁷ Rodríguez-Magda, R. M. (2004). *op. cit.* pp. 14-21.
 - ⁸ Schoenberg, A. (2001). *op. cit.* p. 572.
 - ⁹ *Ibid.*, p. 72.

Publicado em:
As Artes entre as Letras (Porto), nº 95, 27-III-2013, p. 19 (<http://www.artesentreasletras.com.pt>)
Folha de Sala da Exposição '**Transmutação**', Galeria-Restaurante Arquivo (Porto).
24 janeiro até 24 março 2013.